

ENREDO E PERSONAGEM EM “A CASCA DA SERPENTE” - JOSÉ J. VEIGA

Simone Abrahão Costa

INTRODUÇÃO

O enredo é apenas o esqueleto indispensável que, recoberto pelas carnes de personagens e incidente, proporciona o barro necessário que pode receber o sopro da vida.

(SCHOLLES; KELLOG, 1977, p. 167)

Desde Aristóteles, o enredo requer um começo, meio e fim.

Em A casca da serpente o enredo inicia com a fuga do bom Conselheiro com alguns de seus jagunços da guerra de Canudos, visto que não tinham mais como lutar com os soldados republicanos da Bahia, a não ser renderem-se e serem torturados e degolados pelos mesmos. Antônio Beatinho e Bernabé José de Carvalho e demais jagunços pensaram numa fuga estratégica. Foram até o general Arthur Oscar, o que comandava o ataque a Canudos, pedirem redenção, afirmando que seu dirigente estava morto e enterrado. Enquanto isso os outros jagunços teriam mais tempo para fugirem mais para o norte do sertão com o bom Conselheiro, que, na verdade, aqui nesta história ele está apenas doente.

Desse ato de heroísmo desses dois personagens continua o desenrolar da metaficção de forma artística e envolvente que cabe qualificar este grande escritor, José J. Veiga. Este enredo é uma reescritura, um recontar de Os sertões de Euclides da Cunha, podendo ser confirmado na polifonia discursiva que há entre eles.

O desfecho de Os sertões é a morte de Antônio Conselheiro, o jagunço cruel que carregava consigo o estigma do mito messiânico. Morre vitimado de

uma disenteria durante as invasões dos soldados republicanos a Canudos. É enterrado a 22 de setembro de 1897. Dia 05 de outubro acaba toda a população daquele arraial. Dia 06 de outubro cai Canudos. Os últimos a morrerem foram em número de quatro pessoas: um velho, dois homens e uma criança. O governo da Bahia encontra o corpo de Antônio Conselheiro enterrado, desenterra-o, corta a sua cabeça e a expõe em praça pública para o delírio de muitos. É tido como romance histórico, enquanto *A casca da serpente* é caracterizada como metaficção histórica.

As datas não conferem. *A casca da serpente* inicia em 2 de outubro de 1897, data esta que Antônio Conselheiro já havia morrido e está perto da queda total de Canudos, em *Os sertões*. São datas que pretendem retratar a autenticidade dos fatos, o que ajuda a criar uma ilusão realista na análise, buscando a verossimilhança nas obras, chamado de *Motivação Realista* (Tomachevski, 1973, p. 186). Boileau refere-se a essa situação com esta frase: “O verdadeiro pode algumas vezes não ser verossímil”, designando por “verdadeiro” o que tem a motivação realista, e por “verossímil” o que tem uma motivação estética.” (In: Tomachevski, 1973, p. 190) Compreendendo, portanto, que a verdade de uma narrativa, não tem necessidade de ser uma verdade da vida real.

José J. Veiga buscou a guerra e a figura mítica messiânica de Antônio Conselheiro para criar sua ficção a partir desses temas potenciais.

O bom Conselheiro de *A casca da serpente* torna-se um sertanejo comum que quer criar uma forma de governo diferente da que já existia. Seria um sonho? Talvez. Mas o que é a vida? Ela dura até onde o nosso sonho termina.

Era claro que ventos novos vinham soprando com desembaraço na mente de tio Antônio. Desde que tirara a barba e jogara fora o camisolão de penitente, parecia que ele andara fazendo uma limpeza também nas idéias: deixara o exagero das rezas e a mania de entender tudo pelo compasso da Bíblia e do fanatismo religioso. (VEIGA, 1999, p. 147)

O ENREDO

Segundo Scholes e Kellog (1977, p. 145), “enredo pode ser definido como o elemento dinâmico, seqüencial da literatura narrativa. Na medida em que o personagem, ou qualquer outro elemento da narrativa, torna-se dinâmico, ele torna-se parte do enredo”.

Esse personagem é dinâmico e faz acontecer todo o tecido narrativo, o que Aristóteles chamaria de *práxis* ou *mythos*. Portanto, embasando-se na teoria citada, o personagem faz parte do enredo. É o “fio condutor que nos auxilia a classificar e ordenar os motivos particulares” (Tomachevski, 1973, p. 193). É nesta direção que buscaremos compreensão para o mito sacro de bom Conselheiro, em *A casca da serpente*.

Por ser uma narrativa histórica, será analisada dentro do enredo da narrativa empírica, segundo Scholes e Kellog, pois é uma narrativa baseada num acontecimento já passado, a Guerra de Canudos, no sertão da Bahia, relatando as causas e conseqüências dessa guerra, buscando um recorte deste momento histórico que foi recriado artisticamente pelo escritor José J. Veiga.

A Casca da Serpente é uma história que se inicia em 2 de outubro de 1897 com um acordo entre dois jagunços do bom Conselheiro, Antônio Beatinho e Bernabé José de Carvalho com o general Artur Oscar, comandante da quarta e última expedição federal despachada contra os rebeldes. Era um acordo de paz. Os rebeldes que restavam se renderiam, pois segundo eles, o dirigente Antônio Conselheiro havia morrido em conseqüência de um bombardeio de 6 de setembro, que derrubara as torres da igreja nova e fizera grandes estragos em todo o arraial. Tudo isso não passava de armação para ganharem mais tempo e salvarem a vida do grande Messias.

Antônio Conselheiro assemelha-se à figura de Jesus Cristo. Daí a compreensão do mito sacro, a figura messiânica que envolve toda a trama.

O PERSONAGEM

Antônio Conselheiro de Os sertões era um sertanejo, rude, cruel e muito místico. Era filho de comerciante e separado. Ficou um pouco perturbado depois que encontrou sua mulher o traindo com um soldado. Depois desse fato, sua religiosidade tornou-se uma mistura de catolicismo e candomblé atrasados. Isso

devido ao seu isolamento do mundo, e do próprio contexto da colonização do Brasil. Os sertanejos deixavam-se influenciar muito por padres, pastores e falsos profetas. Conselheiro chamava o governo republicano de obra de Satanás. Passou dez anos sumido. Todos pensavam ter morrido. Reaparece alto, magro, barba e cabelos desgrehados e longos, túnica cinza, cordão amarrado na cintura, sandálias, alforje e chapéu de couro. Pregador de uma doutrina confusa que misturava Missão abreviada e Horas Marianas. Pregava o fim do mundo, preparava as pessoas para a morte e ensinava penitência. Realizava variados sacramentos religiosos. Era seguido por grande número de fiéis. Vivia em pé de guerra com o governo da Bahia.

A última desavença, já habitando Canudos, uma fazenda tida como lugar sagrado, protegida pelas montanhas; foi quando solicita madeira para reformar sua igreja, sua grande obra, e o juiz da Bahia lhe nega. O sertanejo ameaça, então, invadir a cidade. Inicia as invasões pelos soldados baianos a Canudos, até ser tomada e toda população dizimada. Inicia essa Guerra em novembro de 1896 e vai até 5 de outubro de 1897.

Ele acreditava na certeza de ir para o céu se morto em combate, defendendo uma causa sagrada. Mas por ironia do destino, pelo que ora foi narrado, não conseguiu a salvação.

É esse personagem que inicia o enredo de A casca da serpente, mas que com o passar do tempo vai se transformando em um outro personagem tão quanto ou mais interessante e envolvente que o anterior.

A personagem de Antônio Conselheiro corresponde à pessoa marginalizada pela sociedade, que mudará do plano marginal (andarilho) para o plano de poder (dirigente de um povo). É a história de cima (dos poderosos) sendo vista pela história de baixo (os medianos, representantes do povo) (LUCKÁS, (2000). Percebe-se uma crítica à política nacional, à centralização do poder da República, aos soldados que vão pra guerra e morrem sem razão para se fazer valer a vontade de homens egoístas, gananciosos até mesmo psicóticos.

O papel que desempenha em A casca da serpente ora participa como personagem protagonista herói (diante do seu povo) e ora como protagonista anti-herói (quando contrapondo ao sistema político e econômico de sua época). Podemos caracterizá-lo como personagem “tipo” (BRAIT, 1987) devido sua figura

messiânica num primeiro momento da história e sertanejo num segundo momento, após passar por várias metamorfoses relatadas no desenrolar narrado por José J. Veiga, como o simples fato de tomar banho, sua nova forma de alimentar-se (não seria apenas sopa, mas comeria qualquer bicho de caça que conseguissem para comer). Aqui de forma inconsciente vê-se não simplesmente um banho, mas um banho que limpa tudo, um verdadeiro ritual de purificação. A água que limpa a alma, o corpo, a mente. É a grande transformação do jagunço Antônio Conselheiro para tio Antônio.

Deixa de lado uma figura messiânica e veste-se como a um sertanejo qualquer. É uma transformação lenta, fazendo com que aquele grupo de jagunços assassinos se acostume com o novo bom Conselheiro. Não foi um Jesus Cristo, um mártir. E num momento de diálogo com seus companheiros revela que “Quem sabe o certo é sempre Deus, não eu. Entenderam?” (VEIGA, 1999, p. 50) Fica claro aqui que ele começa a assumir sua humanização e a lutar por ela, tentando deixar esse lado místico do mito sacro (um elo entre magia e religião) judeu-cristão, que busca uma vida de perfeição e a Nova Jerusalém para seu povo. (SCHOLES; KELLOGG, 1977, p. 154-157)

Todo o ritual religioso que se buscou na verossimilhança com Os sertões, de Euclides da Cunha entra em decadência, pois o bom Conselheiro não segue o mesmo paradigma de Antônio Conselheiro. Ele prefere rezar menos e agir mais, envolver-se mais com os problemas de seu povo. Busca-se inteirar das coisas que estão acontecendo no mundo externo, a sua volta. Sonha com um regime político libertário e socialista e escreve sobre ele. O livro concretiza esse mundo onírico de tio Antônio, que veiculará na França em primeiro lugar, por meio de Pedro, escritor que conviveu com tio Antônio um bom tempo, sendo o suficiente para dividirem idéias políticas e observarem na prática, em Itatimundé, nome da serra onde viviam foragidos tio Antônio e seu grupo. Ali vivia uma sociedade sem governo.

Depois de toda tragédia vivida na guerra, dizimação do seu povo, por motivo ignóbil de um rejeitar de pedido de madeira para a restauração da sua igreja em Canudos, renasce um novo homem, morre aquele messias que lutaria até a morte pela salvação e libertação de seu povo, ponto de vista este da narrativa, que se remete “à ironia”. (SCHOLES; KELLOGG, 1977, p. 169-170)

Outro estranhamento é o seu olhar diferente para a figura feminina vivida por Marigarda. Vê a mulher de igual para igual. Outra figura feminina importante dentro da narrativa de Veiga é Chiquinha Gonzaga, mulher de atitude, para além de sua época. Marigarda aqui é respeitada e admirada por todos. É a viúva sendo acolhida. Foi o primeiro ato de fé com ação, de bom Conselheiro, quando manda buscá-la, do meio dos escombros da guerra, para a segurança do novo arraial. Outro fato que intriga-nos é que quando Marigarda aparece na sua frente, olha-a de frente e acha-a bonita. Era sua sobrinha. Primeira vez que encara uma mulher de frente desde que fora abandonado pela esposa.

Em *A casca da serpente*, Antônio Conselheiro, é uma personagem complexa e enigmática, caracterizando-se também como “redonda” (BRAIT, 1987). Passa por várias mudanças psicológicas, físicas, sociais, ideológicas, morais. Numa análise comparativa das obras o bom Conselheiro seria uma farsa de Antônio Conselheiro. Sabendo-se que no enredo do discurso constituinte, Antônio Conselheiro havia morrido, e com muita maestria José J. Veiga reconstrói a história a partir da metade da guerra, fazendo crer, o leitor mais ingênuo, que era o mesmo jagunço Antônio Conselheiro.

O que Antônio Conselheiro tinha de crime e de loucura, Tio Antônio tinha de sobriedade e covardia. Pareceu ser um outro homem internamente desde o começo da metaficção. Só a casca era a mesma. Compreendendo a partir disto o título do livro “*A casca da serpente*”.

CONCLUSÃO

Tio Antônio é um personagem referencial, que tece toda a trama como se fosse o legítimo Antônio Conselheiro, que era um homem cruel e vingativo. Tio Antônio age como um governante descentralizador, que busca idéias e parcerias com seus homens e visitantes do lugar, forma de governo bem diferente do jagunço Antônio Conselheiro de Os sertões. Revê a sua forma religiosa. Começa a respeitar o lado humano e intelectual do sertanejo. São mostras metamórficas que se observa na análise. Envolve o leitor em toda diegese, e o empolga para ver o que mais ele é capaz de fazer. Participa do mesmo momento histórico de Antônio Conselheiro, na Guerra de Canudos, no sertão da Bahia. Só que o começo da história de *A casca da serpente* se dá do meio para o final,

percebendo aqui a “ostranenie” (CHKLOVSKI, 1973), um estranhamento na orientação sequencial desta narrativa.

A obra *A casca da serpente* de José J. Veiga possui um hermetismo simbólico fascinante. Foi realizado neste estudo apenas um possível, dos muitos caminhos interpretativos, desta obra de arte, não querendo aqui de forma alguma finalizar nenhuma análise. É uma obra que a cada olhar, que a cada leitura mais crítica, mais amadurecida, poderá se perceber um veio diferente de observação.

Encerramos nossos estudos, deixando em aberto para complementações futuras, que porventura se fizerem necessárias.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. – São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)
- CHKLOVSKI, V. *A arte como procedimento*. In: **Teoria da Literatura: formalistas russos**. – Porto Alegre: Globo, 1973.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Editora Nova Aguilar, 2006.
- LUKÁCS, George. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 34. ed. - São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- SCHOLES, Robert; KELLOG, Robert. *O enredo na narrativa*. In: **A natureza da narrativa**. – São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- TOMACHEVSKI, B. *Temática*. In: **Teoria da Literatura: formalistas russos**. – Porto Alegre: Globo, 1973.
- VEIGA, José J. *A casca da serpente*. 5. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

OBRAS CONSULTADAS

- BORDINI, Maria da Glória (org.). *A força messiânica e a teoria do romance; Romance Histórico*. In: **Lukács e a literatura**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- BURKE, Peter. *Abertura: A nova história, seu passado, seu futuro*. In: **A escrita da história: perspectivas**. – São Pulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Pós-modernidade, discurso e continuum*. In: **O discurso Crítico na América Latina**. - Porto Alegre: IEL: Ed. da Unisinos, 1996.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. – São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios)

HAIDEN, White. *Introdução – A tropologia, o Discurso e os modos da consciência humana; O fardo da história*. In: **Trópicos do discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Ensaios de Cultura; v.6)

HUNT, Lynn. *Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra*. In: **A nova história cultural**. 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. (O homem e a história).

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFERÊNCIA ONLINE

CUNHA, Euclides. Os sertões. Disponível em: <
www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/serto.es.html> Acesso em: 30 de nov. de 2007.